

Desassossegos

Marcus André Vieira

Breve recapitulação do percurso deste seminário cuja proposta é delinear um solo comum, um kit básico de ferramentas do trabalho na clínica lacaniana.

Começamos com o *sujeito*. Vimos como o encontro com aquilo que faz furo, produzindo, assim, uma abertura é exatamente o que propicia que o material inconsciente nela se apresente. Seguimos com o *objeto*, fragmento de memória que encarna um tanto de vida que insiste sem se estabilizar.

Este é o *objeto a* de Lacan, uma presença que perturba. É um resto que não cabe na *fantasia*, isto é, na estruturação subjetiva regida pelo recalque, dita neurótica ou edípica; por isso, quando nos aproximamos dele, surge a angústia.

Essa presença que retorna, trata-se de uma condensação de gozo que se localiza, se materializa, se incorpora, nas máscaras do objeto.

Também vimos como o essencial da *transferência* faz o analista encarnar esse excesso de gozo.

O trabalho de uma análise consiste em reduzir esse excesso aos seus elementos primários - significantes e cenas fundamentais. E, a partir daí, tornar possível não levar tão a sério a repetição desse gozo incômodo – embora, também meio delicioso, podendo dizer: algo disso sou eu, o que corresponde ao tema lacaniano do atravessamento. Trata-se de *atravessar a fantasia*.

Chegamos a um momento de inflexão neste percurso. Vamos tirar os pés do chão. Até aqui, ainda havia chão onde era possível pisar.

Há uma fração do gozo - tomado aqui como excitação contínua e excessiva no corpo – que pode se localizar, ser incorporada, ainda que de modo paradoxal, em um objeto. Será um objeto íntimo e estranho, dentro e fora ao mesmo tempo, *êxtimo*, dito por Lacan “a”, que produz, repetidamente, encontro e desencontro, fascinação e angústia.

Apesar da pluralidade das formas desse objeto, ele é, a cada vez, um. É um objeto paradoxal que retorna sempre no mesmo lugar. Neste sentido, o que se vive na transferência pode nunca se reduzir a um só afeto (os pilares afetivos são sempre

♦ Texto redigido por Juliana Villa-Forte com base nas notas do autor e na transcrição do sexto encontro do Seminário Clínico da EBP-Rio, dia 13/10/2025. Versão final do autor.

ao menos três: ódio, ignorância e amor), mas em todos os casos, será sempre um objeto, a, que retorna, na repetição, sempre no mesmo lugar.

A questão que Lacan se colocou a partir do *Seminário 11* é: e se esse gozo não se apresentar em ponto nenhum? E se não for possível de localizá-lo? A proposta do encontro de hoje é a de buscar as ferramentas lacanianas de lida psicanalítica com um gozo sem lugar, deslocalizado – gozo que não é, e tampouco faz, um. Nem mesmo como objeto paradoxal.

Recuar

De fato, ocasionalmente, o gozo apresenta-se absolutamente deslocalizado, entre assombro e êxtase. A presença desse gozo foi materializada na clínica psicanalítica a partir da condição sem-lugar do feminino na cultura colonial da época de Freud, caracterizada por ele como *dark continent*. A este gozo, Lacan reserva, especialmente em seu *Seminário 20*, não apenas o termo “feminino”, mas a expressão gozo *Outro*, ou ainda gozo *suplementar*. Miller o denomina igualmente gozo *opaco* do sinthoma¹.

Por isso o título de hoje: desassossego. Esse Outro gozo não se encontra *a partir de um lugar* – como faz quando incorporado, condensado como objeto a. Ele é desassossego, vendaval.

Para uma primeira aproximação, partirei de uma tensão entre esse gozo, que já chamei de *desintegral* e o gozo do prazer².

No caso do prazer, dois atributos se impõem: *onde e quando*.

O prazer sempre tem lugar - sempre posso dizer onde ele está. Podemos até fazer da localização corporal sua definição. Quando conseguimos localizá-lo, estamos falando de prazer. É a essência do que Freud chamou *zona erógena*.

Se consigo dizer o lugar, também consigo dizer o tempo. Com o prazer, podemos estabelecer um início, meio e fim.

Trata-se, portanto, de uma dimensão restrita do gozo - o gozo do prazer -, em oposição àquele outro, corporal, mas desincorporado.

Um modo de aproximação deste gozo que se localiza, gozo-prazer, a partir da experiência concreta, é o orgasmo. Ele não é apenas prazer, mas nos ensina sobre ele. O orgasmo é necessariamente localizado, se situa em uma zona erógena: seja em um órgão anatômico, nos casos das zonas erógenas convencionais, seja em áreas menos comuns, algum ponto da pele, ou dobra, mas está sempre localizado em um ponto do corpo. É justamente a convergência das pulsões múltiplas do gozo de viver em uma zona erógena que define o orgasmo.

Até aqui é simples - basta buscar na experiência. Não creio que esteja dizendo algo muito diferente do que se costuma afirmar ao falar do que se experimenta quando se goza.

Lacan acrescenta a essa fenomenologia do orgasmo apenas o seguinte: só gozamos se recuamos. Sim, recuamos do mergulho na excitação crescente que

ameaçava se tornar absoluta. É um ganho de prazer por conta de uma desistência: estou à beira do vulcão, de alguma coisa quase insuportável; se eu recuo, ele se torna descarga, muito intensa, mas que baixa a tensão e que pode ser agora contabilizada, reconhecida como agradável: “Gozei, foi bom para você também meu bem?”.

O orgasmo seria, então, uma perda com relação à excitação vertiginosa daquele *Outro gozo* que haveria, se não recuássemos para ficar com esse gozo, o do orgasmo.

Quando se goza em um órgão é o gozo do prazer. No momento em que se goza, tudo se resolve; por isso é tão necessário, para o amante, perguntar se o parceiro gozou - para que tudo se apazigue. Isso é o que Lacan chama de *gozo fálico*.

Assim situado, o gozo fálico não é mais necessariamente vinculado à potência peniana, dita masculina, mas com esse recuo. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma localização, de uma contabilização e de uma perda. Por mais que a masculinidade do mundo seja violenta, ela é fundada em uma negatividade – a qual chamamos de castração.

Essa negatividade é dialética: é justamente porque suponho um gozo sem falha - ou um super-homem que não está submetido à castração -, como masculino, creio tanto nesse poder do Outro, que me inscrevo no registro da falta. É daí que posso temer, e, ao temer perder, recuo; e nesse movimento, perco-me no excesso do gozo do Outro — mas, ao mesmo tempo, ganho o gozo fálico, o do orgasmo. Caímos, então, no mundo da falta, que é relançada sempre na busca pelo Outro - suposto, absoluto e mítico. Essa busca pelo Outro gozo, é o que faz daquele que goza, querer gozar de novo.

Entre passos

Neste ponto, a oposição que Lacan faz entre dois infinitos pode nos ajudar.

Esse *um* que podemos contabilizar - o um que há no orgasmo - não é necessariamente finito. É sempre um mais um mais um que pode ir ao infinito, por isso, trata-se de um *infinito potencial*, ou falso infinito, porque nunca chegamos ao infinito, a cada vez é um passo, finito, nada mais.

Para ilustrar esse paradoxo do infinito potencial, Lacan propõe que imaginemos uma flecha tendo percorrido metade da distância até seu alvo, a seguir ela terá que percorrer novamente metade da distância que lhe resta percorrer e assim, sucessivamente. A cada momento ela ainda terá uma nova metade a percorrer e, portanto, nunca chega ao infinito.

Para esse um mais um mais um ao infinito, melhor tomar o orgasmo da masturbação - como paradigma do gozo que pode ser contabilizado: de passo em passo, o gozo fálico³.

A esse infinito potencial, Lacan opõe outra versão do infinito, menos intuitiva, mas fundamental para abordar o gozo Opaco, dito também feminino. É o ilimitado – ou o *infinito atual* –, o infinito *entre dois* passos. Entre um passo e outro, há também

um infinito, pois posso segmentar o intervalo pela metade ao infinito, assim, entre o arco e o alvo há um infinito.

No intervalo infinito entre um passo e outro, ou entre um e outro corpo – em um abraço por exemplo -, é nesse entre que tudo pode acontecer. Pode ser que sejamos felizes e infelizes, aqui e agora, ou não.

Desse infinito ilimitado aproximamos o Outro gozo⁴: deslocalizado, desincorporado, opaco. Não conseguimos dizer onde ele está; não tem um lugar no corpo. Isso não quer dizer que ele não esteja no corpo - não está fora dele, mas em todo corpo.

É o que formaliza Lacan em suas fórmulas da sexualização. Este gozo que haveria-se-houvesse é o Outro gozo, que não está excluído, apenas inacessível como objeto, por isso, chama-o, além de feminino, opaco, ou ainda suplementar. Ele não tem começo, nem fim bem definido como o gozo fálico, por isso é dito ilimitado, sem rima, nem razão, sem remédio.

É com a intenção de trazer isso para clínica que Lacan monta as fórmulas da sexualização - e não para definir o que é homem e mulher. Lembrando que a ideia é que possamos dizer que isso vale para quem tem ou não tem. Em tese ao menos.

Entre chão e água, a clínica se orienta

E o chão da clínica? Até agora, neste percurso, nosso chão estava às voltas com o gozo em falta - pisando no campo da castração, da fantasia, da neurose -, com o gozo fálico. A clínica sempre foi pé no chão. Não se sabe bem quando se começou a pensar esse *a mais*, isto é, que o que define nossa clínica não se reduz à negatividade da castração.

O que quero marcar é que esse Outro gozo não pode se restringir apenas a situações de exceção - situações radicais ou limites, como nas psicoses, na infância ou no final de uma análise. Ele está presente também no cotidiano. Para uma ideia de como esse gozo Outro é presente, basta imaginar uma noite de sexo sem orgasmo, mas cheia de gozo - se a gente tira da cama tudo o que é gozo fálico, ainda resta muita coisa.

Esse gozo, então, passa a ser a orientação da clínica. Vamos em direção ao opaco do gozo, pois é isso que permite desarticular um pouco a fantasia. Claro que isso não significa que vamos nos mudar para lá, mas esse é o caminho para uma nova articulação, já que ele é essencialmente desarticulado.

O gozo opaco, portanto, é uma presença. E, se o gozo fálico é o nosso chão, o Outro gozo – desincorporado, opaco - é a nossa água. Não vejo melhor maneira de retomar a metáfora lacaniana do litoral. Nossa clínica é a clínica do litoral.

¹ Miller, J-A. *Todo el mundo es loco*. Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Tradução de Stéphane Verley. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2015.

² Cf. Vieira, M.A. Restos: uma introdução lacaniana ao objeto. Rio de Janeiro: Contra-capa, 2008, p. 101.

³ “*Falo*, tal como eu o preciso por ser o significante que não tem significado, aquele que se suporta, no homem, pelo gozo fálico. O que é isto? - senão o que a importância da masturbação em nossa prática sublinha suficientemente, o gozo do idiota”. (Lacan, 1973, p. 109).

⁴ No Seminário 20, Lacan ilustra as infinitudes com o paradoxo de Zenão em sua versão entre Aquiles e a tartaruga. Aquiles dá um passo, a Tartaruga anda um pouquinho; o Aquiles dá outro passo, a Tartaruga anda um pouquinho; e ele dá outro passo, a Tartaruga anda mais um pouquinho. Então ele nunca consegue alcançar a Tartaruga, porque ela está sempre em um outro movimento. Ele pode até ultrapassar a Tartaruga, mas ele nunca consegue coincidir com ela.

O movimento da Tartaruga, porém, esse que é impossível de contabilizar, seria mais ou menos equivalente ao Outro gozo. Então: Aquiles é o gozo fálico; a Tartaruga é o Outro gozo.

“Aquiles, é bem claro, só pode ultrapassar a tartaruga, não pode juntar-se a ela. Ele só se junta a ela na infinitude. Aí está o dito para o que concerne ao gozo enquanto sexual. De um lado, o gozo é marcado por esse furo que não lhe deixa outra via senão a do gozo fálico” (Lacan, 1985, p. 16).

Cf. Vieira, M. A. O analista multiuso (ou o santo e o objeto). Latusa n. 14, Rio de Janeiro, EBP-Rio, 2009.